

"UM DIA DE PAZ"

Roteiro
de
Violeta Carvalho

violetadecarvalho@gmail.com

+55 11 91984-4136

Uma cama de casal se encontra no centro e o guarda-roupas, logo ao lado, encostado na parede. Há quatro pares de calçados em fila francesa ao lado da porta: chinelo, sandália, tênis e salto alto. Cortinas bloqueiam qualquer luz de entrar no lugar, que só é iluminado pela lâmpada no teto.

LARISSA, uma garota bonita, de pele clara, por volta dos 20 anos, deita-se na cama, vestindo uma camisa vermelha de mangas compridas e calça legging roxa, falando ao celular.

LARISSA

Nós já falamos sobre isso, Clara.
Não. Eu não faço esse tipo
grotesco e velho, você sabe.
Lembre-se do que o nosso
amiguinho Darwin disse: os mais
bem adaptados sobrevivem. Ou
seja, enquanto você continuar
bancando a bruxa velha do chapéu
pontudo, ninguém vai te querer.
Vai ficar sozinha e morrer, isso
sim.

(ri)

Dramática? Eu? Jamais. Você sabe
que eu te amo, né?

(ri)

Então para de fogo e vê se muda
seu jeito, garota. Não vê eu?
Mudei. E, agora, eu tenho um
encontro marcado para daqui a
meia-hora.

(espera 2 segundos)

Certo. Tchau, amiga. E vê se faz
o que eu tenho te falado, hein.

(sorrindo)

Mordidinhas no cangote.

Larissa ri e desliga o celular. Manda uma mensagem para o

(CONTINUA)

(CONTINUA)

contato de nome LÉO: "Tô indo bb. Te vejo lá". Se levanta, espreguiça e calça o par de tênis. Abre o guarda-roupas, puxa um batom roxo e o passa em seus lábios sem se olhar em qualquer espelho. Depois guarda o objeto, pega a mochila e sai do aposento.

2

EXT. PONTO DE ÔNIBUS - DIA

2

Feito de madeira, a pequena cobertura é sustentada por 4 troncos e conta com 3 bancos quase fechando um quadrado. Dá de frente para uma rodovia e de trás para a mata. Ao seu lado, há uma trilha que se transforma numa rua e começa a subir em direção ao morro.

Sentado no ponto, só há LÉO, um adolescente negro, de óculos, camisa preta, calça de moletom cinza e uma tatuagem escrita "TRACTULUS" no pescoço. Ele prende sua mochila aberta entre as pernas enquanto lê "OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER".

Larissa se aproxima silenciosamente por trás do garoto e o dá um susto. Enquanto ela ri da reação do jovem, ele guarda o livro em sua mochila, levemente irritado.

LARISSA

(provocativa)

Então você mentiu para mim. Você falou que já tinha lido.

LÉO

(se levanta e põe a mochila nas costas)

Mas eu já li. É que, sei lá, esse livro... Ele é incrível.

LARISSA

(fingindo sarcasmo)

Uhum. Sei.

LÉO

Então, vamos?

LARISSA

Claro. Primeiro as damas.

Larissa faz uma mesura para que Léo vá primeiro, que ri e se dirige ao morro.

3

EXT. SUBIDA DO MORRO - DIA

3

A rua é asfaltada e, de um lado, vê-se a base do morro e, do outro, o mar. Os dois sobem lado a lado. Larissa repara na tatuagem de Léo.

LARISSA

Uau. Não sabia que você gostava tanto assim de música. Imagino que você seja um--

(engrossa a voz)

Apreciador da primeira arte.

LÉO

(ri)

Quê? Não! É só que eu achei o significado aleatoriamente na internet e acabei gostando.

LARISSA

Arrá! Então você é um poser!

LÉO

(ri)

Poser? Sério? Tenho quase certeza de que não se usa essa expressão há alguns séculos, hein. Você tem quantos milênios de vida mesmo?

LARISSA

(fingindo pensar)

Hum... Estou indo para o meu terceiro.

LÉO

Nossa! Com esse corpinho de 200 anos? Nem vem! Você vai ter que me dizer qual o seu segredo!

LARISSA

Okay. Mas você deve prometer não contar para ninguém.

Larissa olha para os dois lados, fingindo desconfiança.

LARISSA (CONT)

(sussurra)

Pacto com o Lulu.

(volta ao tom normal)

Ele é gente boa, só pede sua alma em troca. Easy-easy-mole-mole.

LÉO

(rindo, nega com a cabeça e se lembra de algo)

Ah! Você disse que já leu

Injustice, né?

LARISSA

Sim, sim. Por quê?

LÉO

É que eu isso me lembrou, por algum motivo, o Constantine zoando o Trigon.

(engrossa a voz)

Como funciona isso de ser dono de um pedaço da minha alma? Vocês alternam toda quarta-feira ou o quê?

Ambos riem. Um momento de silêncio.

LARISSA

Você acredita em deus, ou algo assim?

LÉO

Nha... Nada. Quer dizer. Pode ser que eu esteja errado e tenha algo lá em cima, ou lá embaixo, né? Mas tudo me leva a crer que não. E você?

LARISSA

Também não. Quer dizer, sim. Ah, sei lá. Eu tenho uma ideia muito louca sobre isso.

LÉO

Ué, hoje é o dia da loucura mesmo. Vai, fala.

LARISSA

É que, tipo, acho que deve ter alguma coisa sim. Mas nada do que as pessoas estão acostumadas aqui no Ocidente. Provavelmente não é um ser e, com toda a certeza, ele tá é cagando pra humanidade. É como se ele tivesse criado o Universo e a vida fosse só um efeito colateral insignificante, sabe?

LÉO

Aham.

LARISSA

Eu tô falando demais, né? Sempre que eu começo a falar dessas coisas, eu acabo me empolgando. Desculpa.

LÉO

Não! Tá tudo bem. Eu gosto de te ouvir falando.

LARISSA

Okay.

(ri)

Nesse caso, obrigada. É que, sei lá, no Big Bang, o que aconteceu foi que toda a matéria e toda a energia estavam acumuladas num pontinho menor do que um átomo, a singularidade. E tava de boa assim. Tudo levou o Universo a ficar daquele jeito. E, então, do nada, uma força ou energia, sei lá, simplesmente aparece e faz com que esse ponto comece a crescer e fique do tamanho que está. Até hoje, ninguém sabe que merda é essa, de onde ela surgiu, nada. Então, eu, particularmente, acho que foi alguma forma de deus, ou sei lá, capaz de ir

(MAIS)

LARISSA (CONT)

contra a própria natureza para
criar a natureza, sabe? Mas o
mais importante é: foi só isso.
Não foi um ser com personalidade,
muito menos um que se importava
conosco. Nós somos tão
importantes quanto um grão de
areia na praia para um banhista.
Uma gota no oceano para um
nadador--

*Larissa olha para Léo, que a olha estupefato. Ela se sente
meio desconfortável.*

LARISSA (CONT)

O que foi?

LÉO

Nada. É só que você é muito
inteligente, cara. Que incrível.

LARISSA

(ainda desconfortável)

Ah. Obrigada.

4

EXT. CURVA DA SUBIDA - DIA

4

*No extremo exterior da curva, há um pequeno gramado onde
Larissa e Léo encontram-se sentados. O último bebe água.*

LARISSA

Você nunca subiu aqui, né?

LÉO

Não.

LARISSA

Você vai ver só. É muito bonito.

LÉO

(dissimulado)

Assim espero. Você disse que é um
lugar deserto, né? Que ninguém
vai lá e tudo o mais.

LARISSA

(desconfiada)

Uhum.

LÉO

Então? Você não tem medo que eu te faça algo, não?

LARISSA

(gargalha)

Você? Duvido!

LÉO

Tá. Agora, eu não sei se fico feliz por você me ver como uma pessoa boa que não te faria mal ou se fico mal porque você me acha um frangote que não conseguiria se tentasse.

LARISSA

Interprete como quiser. Vamos?

LÉO

Vamos.

Léo guarda a garrafa na mochila e os dois se levantam.

5 EXT. ESTRADA DE BRITAS - DIA

5

Britas preenchem os buracos na ladeira, bem íngreme. O casal anda lado a lado. À sua esquerda, há árvores. E à direita, um gramado que dá para uma queda de algumas dezenas de metros.

LARISSA

Então? O que está te levando a isso?

LÉO

(cabisbaixo)

Bem, pra começar, tô bem na merda. Nunca fui inteligente, acabei o ensino médio quase morrendo e não faço ideia do que fazer agora. Nunca me dei bem com garotas, não me destaco em nada do que faço. Até meu nascimento

(MAIS)

LÉO (CONT)

foi um acidente que estragou a vida dos meus pais. E, sei lá, lá em casa, todos só têm olhos para o meu irmão, filho do meu padrasto. E com razão, sabe? Ele sim vai ser alguém na vida. Eu sou só um bosta.

LARISSA

Uau. Poxa, cara... Realmente. Mas e o seu pai? O que ele diz?

LÉO

(ri triste)

Ótima pergunta. E o meu pai? Ele é só um bosta que pagava uma pensão e me via uma vez por ano. Agora, nem isso mais, já que fiz 18 e não entrei pra faculdade.

LARISSA

Caramba. Vem cá.

Ela o para e o abraça, sorri, maldosa, sem que ele veja e se recompõe.

LARISSA (CONT)

Você está fazendo a coisa certa.

(o solta)

LÉO

Ah, cara. Foi mal por estragar o clima.

LARISSA

Não. Relaxa. Tá tudo bem. Eu tô aqui é pra isso mesmo, né?

LÉO

Valeu.

(se anima)

Mas, e aí? Me conta mais uma das suas teorias doidas.

Larissa ri e volta a caminhar. Léo a segue.

LARISSA

Teorias doidas... Ah! A morte é a cura de todas as doenças.

LÉO

(ri)

Como assim, cara?

LARISSA

Não, não! Me escuta. Em geral, as pessoas não gostam de doenças e, por isso, tomam vacinas, remédios e tudo o mais. Pra quê

LÉO

Ahm... Pra não ficarem doentes, morrerem, sei lá.

LARISSA

Exatamente! Para não ficarem doentes. Mas elas não percebem que a morte que elas tanto evitam vai impedir que elas voltem a adoecer. Ou seja, estando morto, você não fica doente. Logo, a morte é a cura para todas as doenças.

LÉO

Olha, cara. Sério. Eu nem sei o que dizer. Isso é maluquice total.

LARISSA

Ué? Você não pediu uma teoria doida? Tá aí.

LÉO

(ri)

Ah, é. Tem isso.

LARISSA

E olha que você nem ouviu a de que a vida, como um todo, tem todas as características de uma praga.

LÉO

Okay. Nem preciso. Eu tô é começando a ficar com medo de você, Larissa. Isso sim.

LARISSA

Relaxa, Léo.
 (aproxima o rosto do dele)
 Eu só mordo se você pedir.

6

EXT. TOPO DO MORRO - DIA

Três pequenas ladeiras formam o topo do morro. Uma mais atrás, de onde Léo e Larissa se encontram e duas mais a frente: uma à direita e outra à esquerda, que desce numa pequena mata e, depois, volta a subir num novo morro. O mar cerca os morros.

Léo se surpreende com o cenário.

LÉO
 Caramba! Esse lugar é lindo
 mesmo, Larissa!
 LARISSA
 (orgulhosa)
 Eu disse.

Léo joga sua mochila no chão e corre de uma ladeira a outra, enquanto Larissa o observa com um sorriso levemente malicioso.

7

EXT. TOPO DO MORRO - DIA

7

Mesmo ambiente. O casal senta-se numa canga estendida na ladeira da direita, olhando para o mar à frente, em silêncio, por alguns instantes.

LARISSA
 Trouxe algo para comer?
 LÉO
 Trouxe sim. Por quê? Tá com fome?
 LARISSA
 Não. É mais para você mesmo. Eu
 não sinto muita fome.
 LÉO
 (levemente irritado)
 O quê? Vai dizer que você também
 tem essa coisa de "ah, eu tô
 gorda"?

LARISSA

(ri)

Não, seu bobo. Eu só não sinto muita fome mesmo. Eu, hein.

LÉO

Ah, menos mal. Mas, e aí? O que trouxe para assistirmos?

LARISSA

Swiss Army Man.

LÉO

(animado)

Ah! Aquele do cadáver vivo que você tinha falado?

LARISSA

(ri)

É isso aí. Cadáver vivo.

LÉO

Okay! Então põe aí.

LARISSA

Tá.

Larissa abre a mochila, pega o notebook, o abre e liga.

LARISSA (CONT)

E o que você trouxe?

LÉO

Anomalisa. O filme com a cena de sexo mais realista do cinema.

(pausa dramática)

Com bonecos.

LARISSA

(ri)

Tá, né. Enfim, abre o biscoito que a sessão montanha começou.

LÉO

(mexendo na mochila)

Você sabe que isso é um morro, né?

LARISSA

É claro. Mas montanha é muito mais mágico. Igual na música do Legião Urbana.

LÉO

(ri e pega o biscoito)
 Claro, claro.
 (sarcástico)
 Essa é a nossa montanha mágica,
 então.

8

EXT. TOPO DO MORRO - TARDE

8

Os dois deitam-se na canga olhando para cima. O notebook fechado com um pen-drive plugado, três sacos de biscoito e duas garrafas de cerveja, ambos vazios, os cercam.

LÉO
 Larissa?
 LARISSA
 Meu nome.
 LÉO
 Eu decidi que vai ser no pôr do
 sol, tá?
 LARISSA
 Tá.
 (Léo ri)
 Que foi?
 LÉO
 Nada. É só que eu nunca achei que
 fosse passar por isso.
 LARISSA
 Isso o quê? Assistir dois filmes
 ligeiramente depressivos numa
 montanha mágica antes de--
 LÉO
 (a interrompe)
 Não, sua idiota! Eu tô falando de
 assistir filmes cultos com uma
 garota legal.
 (eles riem)
 LARISSA
 Obrigada, seu panaca. Apesar de
 eu estar te zoando, eu aceito o
 elogio.

LÉO

(se vira para ela)
 Esse deve ser o melhor dia da
 minha vida. É como-- Uma ilha de
 paz num mar de tormento.

(sorri)
 Muito obrigado.

LARISSA
 (também se vira para ele)
 Eu que agradeço. Está sendo um
 ótimo dia para mim também.

Léo aproxima seu rosto do de Larissa, que se afasta ligeiramente.

LÉO
 (inseguro)
 Bom... Mas... Poderia ficar ainda
 melhor, não é?
 LARISSA
 (se senta de supetão)
 Desculpa, Léo. Mas eu acho melhor
 não.

LÉO
 Não. Tudo bem. Desculpa eu. Eu tô
 sendo um idiota.
 (também se senta)

LARISSA
 Não. Não tá. Tá tudo bem. Sério.

LÉO
 Certo.
 (suspira)
 Mas o que vamos fazer até o sol
 se pôr?

LARISSA
 Ah! Podemos ouvir música. Que tal
 Cartola?

LÉO
 Cartola é legal, mas você não tem
 nada mais recente, não?

LARISSA

Olha, até tenho. Mas eu não quero pagar royalties.

LÉO

Entendi. Tudo bem. Cartola então.

Larissa abre seu notebook, o liga e põe "A VIDA É UM MOINHO" para tocar.

9

EXT. TOPO DO MORRO - PÔR DO SOL

9

Léo deita-se enquanto Larissa ajoelha-se ao seu lado com a mochila aberta.

LÉO

Você tem certeza de que não quer que eu faça em você primeiro?

LARISSA

Relaxa, garoto. Quem fez técnico em enfermagem aqui foi quem? Ah, é. Eu. O certificado vence o cavalheirismo.

LÉO

Não sei como você pode estar tão calma numa hora dessas.

LARISSA

(acaricia o cabelo de Léo)

Só fica calmo, Léo. Você vai sentir uma picada de formiga. Só isso.

Larissa tira de sua mochila uma maleta, a abre, calça luvas estéreis, amarra um elástico no braço de Léo, molha um pedaço de algodão com álcool e o esfrega no braço do companheiro.

Larissa separa uma bolsa de soro vazia, um equipo e uma agulha, que enfia no braço de Léo para tirar-lhe o sangue. Então, conecta os três objetos.

LÉO

(já sonolento)

Ah, é. Me lembrei de ter visto um filme de vampiros em que um deles faz isso.

LARISSA

(ri)

Isso! Foi de lá que eu tirei essa ideia.

LÉO

Então você é uma vampira, né?

(Larissa assente)

Então deus e inferno existem?

LARISSA

Não que eu saiba.

LÉO

E como você--

LARISSA

(o interrompe colocando o dedo sobre sua boca)

Sh! Calma, Léo. Ouça a música.

Relaxe. Sinta o momento.

Larissa dá um beijo na testa de Léo, que sorri e fecha os olhos. Larissa assiste o pôr do sol.

LÉO

(bem mais sonolento)

A morte... É tão calma... Um dia de paz numa vida de dor... Acho que te amo.

Larissa sorri, doce, e lhe faz um cafuné.

10

INT. CASA - NOITE

10

Escuridão total. Larissa entra em casa com as duas mochilas e acende a luz. A sala de estar contém uma geladeira, uma mesa forrada sem nada em cima e uma única cadeira.

Larissa joga a mochila de Léo no chão, abre a sua, pega a bolsa cheia de sangue, vai até a geladeira e a abre. Lá dentro, só há outras bolsas de sangue e garrafas d'água.

Larissa põe a nova bolsa dentro do eletrodoméstico e o fecha.